

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA E SCIENTIFICA

Collaborada pelos Associados



ANNO I.

RIO DE JANEIRO, 30 DE ABRIL, 1883.

N. 6.

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

Rio de Janeiro, 30 de Abril de 1883.

O AR

A PHLOGISTICA.—EXPERIENCIA DE LAVOISIER.—AR PHLOGISTICO
(Continuação)



phlogistica considerava os metaes como formados: 1º, de um principio combustivel, que se denominava *phlogistica*, do grego *flōs*, que quer dizer — chamma; 2º, de uma especie de ferrugem, que se chama hoje communmente *oxido* e que os sectarios de Stahl chama-vam *calx*.

Quando se aquece um metal, diz Stahl, a *phlogistica*, que é inflammavel, desaparece, restando apenas a *calx*. O nome que era dado a esta operação era o de — calcinação, por ter por fim pôr a *calx* em liberdade.

Sendo o carvão rico em *phlogistica*, costumavam a aquecer nelle a *calx*, quando a queriam restituir ao metal primitivo.

Aquecendo-se o metal ao ar livre e perdendo elle a *phlogistica*, deveria se tornar mais leve; isso, porém, não acontecia, e os *phlogistas* explicavam este pheno-meno pela maneira seguinte:

“ Sabemos perfeitamente, diziam elles, que os metaes augmentam de peso durante sua calcinação; isso provém, porem, de que sendo a *phlogistica* mais leve que o ar, tende a levantar os corpos, com os quaes está combinada, e lhes faz perder uma parte de seu peso, de vendo, portanto, esse corpo pesar mais depois de haver perdido sua *phlogistica*. ”

O verdadeiro fundador da chimica, Lavoisier, destruiu, em seu *Tratado de chimica*, a engenhosa, porém, erronea theoria de Stahl. Este grande sabio, tão-cedo roubado á sciencia, pela sentença injusta e iniqua de um tribunal revolucionario, mostrou que um corpo pôde ocupar tres estados diferentes, que são: o sólido, liquido e gazoso.

Lavoisier estabeleceu, que sendo o ar um fluido gazoso, nossa *atmosphera* (1) seria composta de todos os fluidos susceptiveis de se conservarem, debaixo da temperatura e pressão a que estamos sujeitos, em um estado gázoso constante.

Raciocinando por este modo, Lavoisier procurou determinar qual a natureza e grão de elasticidade dos fluidos, que compõem a camada inferior da atmosphera, e, depois de numerosas e notaveis experiencias, concluiu por estes termos:

“ O ar da atmosphera é principalmente composto de dous fluidos aeriformes ou gazosos; um respiravel, susceptivel de entreter a vida dos animaes, no qual os metaes se calcinam e os corpos combustiveis queimam-se; outro que tem propriedades absolutamente oppostas, que os animaes não podem respirar e no qual não pôde haver combustão. Demos á porção respiravel do ar o nome de *oxygenio*, que se deriva de duas palavras gregas, *oxus* — acido, *geinomai* — eu fórmo —; porque com effeito uma das principaes propriedades deste gaz é formar os acidos, combinando-se com a maior parte das substancias.

“ As propriedades chimicas da parte não respiravel do ar atmosferico, não sendo ainda bem conhecidas, contentamo-nos em deduzir o nome de sua base da propriedade que tem este gaz de privar da vida os animaes que o respiram; nós lhe damos o nome de *azoto*, de *a* privativo e *zoe* — vida.

“ O ar atmosferico é, pois, composto de dous fluidos elasticos de naturezas diferentes, e podendo-se mesmo dizer, de naturezas oppostas. Uma prova desta importante verdade, é que recombinando-se os dous fluidos obtidos separadamente, forma-se o ar, em tudo semelhante ao da atmosphera, tendo, com diminuta diferença, o mesmo grão de combustão, calcinação para os metaes e respiração para os animaes. ”

Lavoisier provou tambem que um metal, durante a calcinação, apodera-se de uma porção mais ou menos consideravel de oxygenio, ficando por este modo explicado o seu augmento de peso.

Convém, ao lado do nome de Lavoisier, inscrever o nome do chimico inglez Priestley, que em 1 de Agosto de 1774, notou, por meio do oxido encarnado de mercurio (2) a presença de um fluido, que elle chamou *ar phlogistico*.

(Continúa.)

J. C.

(1) Massa gazosa, que rodeia a terra. Seu nome se deriva de duas palavras gregas, que querem dizer — esphera de vapor.

(2) Communmente conhecido pelo nome de — Pôs de Joannes.

SENHOR !

Se o justo vae comigo
pousar, dormir no céo ;
se a cruz é o castigo
do peccador, do réo ;

Se a podridão da rua
é o fim da prostituta
que, esfarrapada e nua,
em vão se estorce e luta ;

Que punição merece,
do teu divino manto
ao resplendor da Fé,

O raio vil que desce
á enegrecer o santo
desrespeitando a Sé ?

DUARTE PORTO JUNIOR.

Marquez de Pombal

AO MEU AMIGO J. REIS

As historia é a mestra da vida, » quando é estudada sob o ponto de vista da evolução das sociedades humanas; é porém inutil abrir um livro de historia para estudar os factos isoladamente, porque a orientação mental é sempre a resultante luminosa do conhecimento exacto e positivo das relações que existem entre todos os phenomenos sociaes de uma certa época, que tambem são resultantes de phenomenos anteriores.

Por conseguinte, para apreciar com justiça o carácter do grande estadista Marquez de Pombal é necessário, é imprescindivel remontar ao tempo das primeiras dictaduras do absolutismo, para conhecer bem as circumstancias que o incitaram no caminho das grandes reformas, que as nações estrangeiras admiraram e reproduziram — o que foi altamente honroso para a memoria de tão eminente estadista e uma gloria para a nação que teve a felicidade de lhe ser berço.

A ascensão do Mestre de Aviz ao trono de Affonso I e Affonso Salado, provou cabalmente que o feudalismo não podia continuar como fórmula social predominante; porque o povo, esse elemento *Mosarabe* da nação portugueza, já comprehendia que não era mais uma classe serva; mas sim, uma classe que devia ter jus aos mesmos privilegios que as classes nobres, — pois que era ella quem mais concordia para o adiantamento da nação.

A prova de que em Portugal havia poder popular ou *terceiro Estado com vitalidade propria*, é, que o povo elevou ao trono um príncipe *bastardo*, embora a isso se opozessem os *senhores feudales*, partidarios da legitimidade de D. Beatriz.

O feudalismo, como fórmula social dirigente, fôra muito respeitável no seu tempo, mas não podia continuar a selo no 15º seculo e posteriormente, porque as descobertas scientificas tinham provado que não podia haver classe privilegiada e por conseguinte a nobreza, insistindo nos seus propositos, de governar a sociedade segundo a sua fórmula predilecta, só pôde tornar-se uma fórmula antagonica. um elemento reacionario contra os progressos da época, e por conseguinte incompativel com a civilisação d'aquele tempo.

As classes que dirigiram as sociedades durante a *idade media*, não viram com bons olhos o predominio do povo no governo e por isso reagiram contra semelhante progresso realizado pela *evolução*.

Foi n'estas apertadas circumstancias que appare-

ceram as dictaduras de Luiz XI, em França, D. João II, em Portugal e Carlos V na Hespanha e na Alemanha, as quaes consolidaram apparentemente o *Poder Real* e a igualdade das classes nas suas aspirações e direitos sociaes: — deixavam umas de serem senhoras imperiosas e as outras de serem servas, para serem todas subditas do absolutismo, o qual, embora não tivesse outra qualidade boa, tinha o grande merito de manter o equilibrio entre as classes, evitando a — *anarchia* — a qual é mil vezes mais abominavel que todos os absolutismos. Se dissemos que as *dictaduras* consolidaram *apparentemente* o poder real, foi porque, na verdade, as classes elevadas da sociedade continuaram a reagir contra os progressos do *poder real* e se em Portugal não alcançaram mais o poder, foi porque a introdução dos jesuitas, que tambem visavam o mesmo fim, lh' o vedou.

Introduzidos em Portugal os jesuitas, D. João III solicita de Roma a publicação de um *breve* auctorizando a criação do « Tribunal da Inquisição » ao que o *Santo Padre* accedeu, depois de algumas hesitações.

Os jesuitas, armados com o tribunal da inquisição, principiaram a sua obra de exploração contra os chistos « novos » a quem começavam extorquindo dinheiro para os deixar em paz e acabavam sempre quemando-os nas fogueiras do *Santo Officio* e confiscando-lhes os bens em beneficio da *Companhia de Jesus*.

O pensamento da Companhia de Jesus não era simplesmente roubar os desprotegidos — *judeus*, era tambem: — governar as sociedades —, e a prova d'isso é que envidaram todos os esforços e conseguiram perder nos areaes da Africa o rei D. Sebastião, para entregar o governo de Portugal ao Inquisidor Mór do Reino, o qual talvez cheio de remorsos não deixou por herdeiro o Papa, mas em compensação entregou o reino á nobreza, a qual fez presente d'elle a Felippe II. Perdida a autonomia por causa dos dois elementos reacionarios — nobreza e clero ou jesuitas, o que resta a Portugal além da memoria dos grandes e gloriosos feitos das duas dynastias, registrados nas paginas do grande e immortal poema *Os Luízadas*, escripto por um poeta tão infeliz como a patria e que morreu com ella a vegetar na escuridão?

Descrever os vexames porque passaram os portuguezes durante a dynastia usurpadora, não é da nossa competencia, porque não é nosso intuito escrever a historia da dominação hespanhola e por conseguinte diremos só nente que a Hespanha nos martyrisou por espiço de sessenta annos como se costumava a martyrisar os conquistados.

Durante a dominação hespanhola, o povo portuguez não olvidou os *Luízadas*, cujas paginas cheias de «estrophes sublimes» inspiradas pelo santo amor á patria, — incitaram o movimento revolucionario de 1º de Dezembro de 1640 — ao qual presidio o grande patriota João Pinto Ribeiro, que era o unico dos quarenta da conjuração que acompanhava as aspirações patrióticas do povo; em quanto que os outros, se arriscaram as vidas contra o governo de Miguel de Vasconcellos e Duqueza de Mantua, foi porque se as não arriscassem em Portugal em prol da liberdade portugueza — arriscal-as-hiam na *Catalunha*, como ordenava Felippe II.

O proprio Duque de Bragança tinha tanto medo dos hespanhóes, e era tão falto de criterio, que comprometia a causa da revolução, se não fosse o nobre orgulho da Duqueza, sua esposa, que lhe disse: « — Antes quero ser rainha-uma hora do que duqueza toda a vida. »

A revolução consolidará o facto da expulsão do governo dos Felippes, mas a independencia só foi consolidada em 1667. Ao terminar a guerra da independencia com a Hespanha, já Portugal não gosava auto-

nomia economica, porque já se tinha escravizado á Inglaterra, pelos tractados de 1642, 1654 e 1661. Os jesuitas destronaram Affonso VI e annularam-lhe o casamento, pretextando unicamente que este rei tinha defeitos physicos — que poderiam ser a desgraça da nação. — Mas seria por causa dos decantados defeitos physicos, que elle andou desterrado da corte até a hora de exhalar o derradeiro suspiro?

(Continua).

ANTONIO DE SÁ

ESBOCETOS

I (A' THEREZA)

TENS as fórmas das virgens ideaes
Que em sonhos nos surgem, radiantes,
Em posturas formosas, provocantes,
Dedilhando umas lyras divinaes.

Qual deidade de famosas bacchanaes,
Tens olhos negros, vivos e brilhantes,
Que despedem os fulgores inebriantes
Dos sorrisos celestes das Vestaeas.

E ao ver-te tão pura, tão formosa,
Qual visão que nos surge, cor de rosa,
D'uma grande atração nós somos preza...

Tens porém dois senões mui salientes:
Mostras muito a miúdo os niveos dentes,
E és gorda de mais, doce Thereza!

II

O VETERANO DA LIBERDADE (A' J. J. DE PINHO E SILVA)

Olhae-o: rosto nobre, cabeça embranquecida,
O miserando velho, roto e ao fim da vida,
Mendiga o pão!
Soccorrei-o, que nas pelejas sanguinarias
Da patria, contra as forças legendarias,
Vos deu o galardão.

Porto — Fevereiro 1883.

IRADIER.

RUFOS

AO ILLUSTRE POETA «NÉMO»



o ultimo numero da nossa *Revista*, aprouve-me fazer, por meio de um soneto, uma suplica aos poetas, afim de que elles matassem-me a fome, que eu tinha de poesia.

Lancei mão d'este recurso extremo, porque tendo sido convidado para ir a uma reunião familiar, sob condição expressa de recitar versos de minha lavra, procurei a

musa a que por vezes recorria, mas o *diacho*, aterrissada talvez pela materialidade de minha vida, havia fugido.

Verdade é, que eu podia collocar no lugar vago da minha musa a musa dos outros; ou por outra: po-

dia agarrar em livros de poetas notaveis, e com versos d'aqui, versos d'allí e d'acolá, arranjaria certamente uma obra monumental, que levaria o meu nome á posteridade, na opinião da amavel sociedade que me ouvisse.

Mas a minha consciencia, que anda de olho vivo e ouvido alerta, protestou logo contra essa simples lembrança.

Porém, mesmo que a dita consciencia andasse somolenta, como um urbano depois da meia-noite, eu confessso que não me atrevia a fazer o plagio; porque, emfim, quem me assegurava que lá, na reunião, não encontraria alguns dos senhores membros do Centro Litterario?

E o que resultaria, se eu começasse, nas bochechas d'esses *Argos*, a embasbacar o auditorio, com arroubos de alheia inspiração?

Oh! nem sei o que seria de mim!

Podia contar, pelo menos, que na proxima sessão que houvesse, atormentavam-me os ouvidos com sarcasmos pungentes, e por cima, os malvados, ainda me arrumavam ao lombo nada menos que o artigo *tantos* do codigo criminal.

Isso seria o minimo da pena; o maximo... só Deus o sabe.

A' lembrança, pois, do castigo, não praticei o delicto.

Depois, sabem já o que aconteceu; procedi como deve proceder o homem honrado: não roubei, pedi.

Fiz bem ou fiz mal?

Era lícito esperar que o meu pedido fosse caridosa acolhido, e que em breve o pobre tivesse a desejada esmola.

Não era menos lícito tambem esperar que a esmola fosse graúda, em vista da boa quantidade e qualidade de poetas que eu tinha por meus protectores, e com quem o pedido se entendia directamente.

E muito bem *sentado* n'estes preciosos argumentos, redigi o meu pedido.

Feito isto, comecei a raciocinar:

Sempre quero vêr se d'aquele matto sae coelho; se os meus caros poetas repartem commigo as migalhas e se eu com ellas armo o alçapão e apanho o melro, que neste caso é a desertora musa de minha alma. Tambem se me repellirem, paciencia.

Muito boas pessoas têm levado sova de criar bicho e nem por isso deixam de mostrar a cara a todo o mundo, dizendo até que têm muita honra em serem martyres de uma causa — embora essa causa não seja mais que um simples cabo de vassoura.

Em todo caso, continuava eu, elles hão de dizer, sim ou não.

Calados, é que não ficam; porque — vejam só o que é este mundo! calar é dar signal de indifferença; e eu tenho como verdade que a indifferença é uma manifestação, disfarçada, de odio. Ora, eu não creio que os meus consocios odêem um triste mendigo de poesia.

Fiado n'esta logica esperei o resultado.

Não desesperei, felizmente; devo este favor ao illustre poeta «Nêmo.»

S. S. entendeu — e entendeu muito bem — que, desde que se fallou em poetas, tinha parte no caso.

E, pois, tomando, como costuma-se a dizer, o *pião á unha*, subio á nossa tribuna e principiou:

— A fulano de tal — e disse o meu nome.

Como é meu costume abrir a bocca quando tenho certeza de que vou ouvir qualquer cousa agradavel, abri-a, pois, *sem mais aquella*.

E o nosso mestre recitou:

Se acaso a mocidade generosa
Deixa a descrença lhe invadir a mente,
Condena-se a viver eternamente
Em gélida tristeza pavorosa.

Nem sente a luz do sol resplendente
Que dá perfume e côn' a flor mimosa;
Nem a pallida lua langorosa
Lhe faz vibrar a alma decimento!
Curvada para o chão do — realismo
Ao peso da descrença que atrophia,
Caminha sem tino, luz ou norte:
Sem — fome — do maná do idealismo,
Sem — sêde — de dulcissima poesia,
— Corpo sem vida a vegetar na morte!

Lamentei sinceramente não ter a bocca fechada para, quando o illustre « Nêmo » acabou de recitar o soneto, abril-a, e por esse modo, manifestar-lhe a minha surpresa.

A falta, porém, de bocca aberta, sempre mordi uma cousa que, d'aqui a annos, poder-se-ha chamar — bigode.

E razão de sobra tinha de se espantar quem, como eu, havia pedido poesia e só poesia, e que em vez de lhe darem isso, faziam-lhe uma acre censura, assim com ares de paternal reprehensão!

De sorte que se eu pedisse mais alguma cousa — coitado de mim... matavam-me!

Irribus!

Foi, realmente, uma sova vigorosa; e enquanto viver a lembrança d'ella, prometto responder o seguinte a quem me convidar para ir ás taes reuniões, de recitativo obrigado:

— Sr. Fulano. — Convida-me V. para passar alegremente uma noite em sua casa, mas exige que eu recite versos meus...

A permuta não me agrada; por isso, muito obrigado, mas não posso aceitar o convite.

« Porque se eu acceder ao seu pedido collocó-me, imediatamente, entre a grilheta e a chibata; ou tenho de plagiar, ou tenho de pedir. Se plagiar, — código criminal; se pedinte, — censura metrificada.

Nada, meu amigo, fique-se V. lá com o seu convite, que eu cá fico em casa a dar razão ao adágio: boa romaria faz.... quem se livra de reprehensões em sonetos.

Seu etc. etc.

Fique, porém, bem entendido, que esta resposta só terá vigor, enquanto a musa minha gentil que se partio, andar lá pelas regiões, onde os poetas choramigas costumam perder o tempo — o precioso tempo.

A ideia predominante que teve o Sr. « Nêmo » quando escreveu o seu bello soneto, foi de castigar o realismo e apontar-me como um dos seus sectarios, — do que me resulta tomar grande parte na tunda.

Nem é necessário ser-se muito *alho* para compreender isso.

Ora, por mais que eu revolva o formigueiro das recordações, não posso atinar onde S. S. encontrou elementos para dizer a mim o que não se diz a um seguidor rachítico de Eça de Queiroz — desse escriptor que, segundo se infere da opinião de S. S., devia ser enfocado.

Quem sabe? — talvez ao Sr. « Nêmo » desagradasse o eu dizer que queria:

«..... sopa de celicas harmonias,
Pratos varios de loiras phantasias
E sobre-mesa de manhãs d'Abrial»

Se foi por isso que S. S. zangou-se, não tem razão: dei á minha supplica a fórmula que se me afigurou mais comprehensível, e, sobretudo, mais *comesinha*.

Porém, não é isto o que interessa.

Fui accusado; e, embora a accusação fosse feita em verso, não deixou de ser injusta.

Merece, portanto uma defesa.

Cá na minha opinião, este mundo seria uma causa insupportavel se todos fossem absolutamente sentimetaes, ou se todos fossem absolutamente realistas.

Felizmente, assim não acontece.

Em tudo e em todos ha uma pitada de sentimentalismo e outra de realismo.

Analysemos.

Diz-nos o illustre « Nêmo », que a mocidade apolo-gista do realismo...

« Nem sente a luz do sol resplendente
Que dá perfume e côn' a flor mimosa... »

Tomando só para mim a recriminação, protesto solemnemente contra ella.

A *luz do sol resplendente*, põe-me conjuntamente em accão a bossa do sentimentalismo e a do realismo. Depende isso, tão sómente, do estado do meu espirito.

Sou sentimental, por exemplo, quando me lembro, como o Sr. « Nêmo », que esse sol dá perfume e côn' ás flores mimosas.

E sou realista, quando penso que o mesmo sol, aquecendo a atmosphera, apréssá a decomposição de toda a casta de detrictos, produzindo os microbios da febre amarela.

Sou sentimental, quando vejo o sol a nascer, dourando phantasticamente o cimo dos montes e matizando as nuvens que se agrupam graciosamente no espaço; — quando, vendo-o sumir-se por traz da montanha, lanço os olhos para a terra — a viuva diaria de sua luz — e vejo-a, triste, cobrir-se com o *réo da noite*.

Mas sou realista ao lembrar-me que o sol nasceu talvez para alumiar o gabinete, onde um sicario, munido de instrumentos proprios, vai falsificar firmas, com o intuito decidido de roubar os seus semelhantes; — quando tambem recordo que o occaso desse sol, favorece os assaltos á propriedade alheia, contra a pratica dos quaes, são baldados os melhores esforços da *estafada* polícia.

Sou finalmente sentimental, quando vejo o sol poeticamente coado pela folhagem da mangueira, a cuja sombra consoladora, estão dois castos amantes a lembrarem intimamente os ternos episodios d'outr'ora, e a prenunciarem felicidades por vir.

Sou finalmente realista, quando ouço as pobres lavadeiras a abençoarem esse sol, que lhes sécca a roupa lavada, em troca da qual, recebem o dinheiro com que pagam a sua alimentação.

E quereis saber onde se reunem admiravelmente — sentimentalismo e realidade?

Simplesmente n'uma lavadeira.

Vêde-a; beleza mimosa e fresca, qual o orvalho matutino; cabellos negros, olhos, dentes, labios, cintura, pés... tudo, tudo é bello e poetic; tudo a inspirar sentidos madrigaes!

No entanto, eis a poetica figura curvada para a tina do realismo, ou para a realidade da tina, onde a roupa, ainda suja, apresenta-se-nos desagradavelmente aos olhos.

Que é da formosa cabeça que eu vi á pouco? Acaba de sumir-se dentro de um grande chapéu que a bella lavadeira collocou afim de resguardar-se dos raios do sol.

Onde os mimosos e arqueados pésinhos, descalços e de dedos rosados?

Tambem, coitados! jazem dentro de uns velhos tamancos, que a fada calçou, para não apanhar humidade, que lhe faz mal ao peito!

Onde está pois a poesia?
A lavar roupa; na realidade da vida.

E com tudo a descrença não invadiu a mente desta gentil lavadeira, porque ella canta; e quem canta, crê em alguma cousa.

Pelo menos, crê que tem uma boa voz para cantar.
Olhemos um pouco mais para cima.

Acompanhemos uma elegante moça da alta sociedade que acaba de entrar em um luxuoso salão, onde tudo é riqueza e vaidade.

Com um murmúrio unísono de admiração é saudado o aparecimento da esbelta dama que traz vestidos e joias que custaram contos de réis.

Aquillo não é mulher, é anjo: — *tez avelludada, talhe vaporoso*, pés quasi invisíveis, de pequenos que são; toda a recender perfumes inebriantes.

Os cavalheiros, com umas posições mais que afeccadas, elogiam-na com uma linguagem lambida, direi mesmo, musical — o que a faz suppor que vive no céu, entre divindades.

Toca-se uma walsa; eil-a que passa, qual visão phantastica, arrebatada nos braços de um janota de cabellos anellados. Meia duzia de poetas tiram do bolço a carteira e o lapis e, movidos de allucinada inspiração, escrevem sonetos a propósito.

Mas, que sucede?

Vai a heroína, apressadamente, ter com a família, depois de terminar uma dança:

— Ah! mamã! Estou que não posso mais. Vamos embora.

Tenho a camisa alagada em suor; os calos não querem mais os sapatos.

Um inferno mamã! Vamos sahir.

Eis o grito da realidade!

Como? esta mulher que todos julgavam estar a salvo destes achaques mundanos; que parecia irmã dos anjos; esta musa de alguns versos escandecentes, queixa-se á mamã, diz que está suada e que os callos protestam contra o facto de estarem mettidos em sapatos de 29 pontos, quando mesm em sapatos de 30, elles ficariam apertados?!

Será possível?

Então que é isto? onde ficou a poesia?

Talvez esteja espalhada nos tais sonetos que os poetas escreveram, ou na cabeça balofa dos palvos perfumados, que *de beiço cahido*, ficaram a chorar a ausencia da deusa.

Bastaria de exemplos; mas o illu.tre «Nemo», faltando na *pallida lua langorosa*, avivou-me a recordação de um caso, passado commigo.

Tinham-se-me, não sei porque, desapertado os cordões da *bolça* sentimental, quando ella, a lua, surgiu, bella e fulgurante, detraz de um telhado. Fitei-a com entusiasmo e meu pensamento voou logo aos mundos ignotos da poesia, como se costuma dizer.

— Sim, pensava eu, talvez os entes caros que me amam, estejam tristes e saudosos, a fitar-te, lembrando-se de mim — oh! divino espelho! oh! isto! oh! aquillo!...

Então, tocado de grandioso e penetrante sentimento, dilatou-se-me o coração em gratis expansões, e as lagrimas... e as lagrimas vieram-me aos olhos!

Mas, não tardou muito a vingança: Na seguinte noite vi a mesma lua; e aproveitando-lhe a luz brilhante fui ver em quanto importava uma conta do alfaiate que fiquei de pagar no fim do mez. E vi até de mais...

O contraste foi completo, mas nem por isso a lua, essa pedra de amolar de uso dos poetas, deixou de brilhar, por um só momento.

Signal de que até ella concorda commigo, e faz

muito bem: nada de fanatismo, porque tão detestável é o fanatico do realismo como o fanatico do sentimentalismo.

Terei concluido?

Ainda não; falta-me esclarecer um ponto, que se ficasse obscuro, poderiam os senhores maliciosos fazerem-me acusações mal cabidas.

Não cuidem SS. SS. — os maliciosos — que eu despréso as sublimes produções de homens que foram, ou que são, exclusivistas absolutos, de uma ou de outra escola. Não, senhores maliciosos: tenho essas produções em subida conta e dou-lhes o devido apreço porque tambem entendo que, a parte outros muitos resultados, é de grande vantagem conhecer-se o maximo, quer do realismo, quer do sentimentalismo, desde que as idéas são desenvolvidas por talentos de primeira ordem.

Dou preferencia, porém, á obra litteraria ou artística, que se conserva no *meio termo* de que sou apologista.

Quero a realidade como sabem represental-a na tela o pincel de Silva Porto ou de Firmino Monteiro; quero a realidade das composições estatuarias de Bernadelli ou de Rato Junior — e outros artistas, que nos mostram o bello da natureza, não como as regras convencionaes impõem, mas segundo as impressões que elles mesmos recebem e as manifestam, através do seu proprio temperamento.

Quero tambem a realidade, tal como a vemos, moderada e limpa, nas obras immortaes de Julio Diniz, Pedro Ivo e outros escriptores, cujos nomes agora me escapam.

Parece-me, pois, que, esclarecido como fica o meu modo de pensar, tenho direito de dizer ao illustre poeta «Nemo», que S. S. tomou a nuvem por Juno; que, em conclusão, eu não sou o que S. S. suppos: um

— Corpo sem vida a vegetar na morte!

J. REIS.

Rio, 15 de Abril de 1883.

Trás!...



ou caipora! sou caipora! dizia o tio Jeronymo, passeando a largos passos pelo soalho esburacado de sua taverna.

— Beneficios e mais beneficios e o dinheiro não apparece; só este mez tenho gasto uns seis centos mel réis, sem que veja a paga dos meus serviços. Ultimamente a tal commissão que, além de me fazer gastar alguns cobres, comprando roupa preta, ainda me obrigou a andar de porta em porta, pedindo donativos, nem eu sei para que!...

Fazem de mim o que querem e hei de ficar calado! Desaforo!

E batia com o punho fechado em cima do *sebento* balcão.

Um rapaz veio despertalo dos seus amargos pensamentos pedindo *uma vella de quatro*.

O bom do tio Jeronymo foi servir o freguez, e outros, e outros... — até á hora em que se foi deitar entre as grossas cobertas de sua cama.

Sonhos horíveis teve nessa noite!

Despertando de madrugada, alvorocado, vestiu-se, enfiou a sua *jaqueta* e foi abrir as portas da loja.

Pegou no jornal, que já se achava debaixo da porta, leu, ou antes, soletrou algumas palavras, que pareciam interessal-o bastante.

De repente, soltou um grito e caiu desmaiado por cima de um caixão de batatas.

Alguns amigos que passavam, vieram soccorrer-o e tiraram-lhe o jornal d'entre as grossas mãos, para ver o que lhe tinha causado esta especie de ataque; e sem custo advinharam ser o que estava marcado pelos dedos do nosso homem.

Era:

«Foi nomeado commendador da Ordem da Rosa o subdito portuguez Jeronymo Guimarães, etc., etc.»

Mandaram chamar um medico.

Vieram dois!

Porque?

Era já commendador!

J. J. PINHO E SILVA.

NA ROÇA

Braveja fortemente a tempestade
E o furacão, indomito, vai varrendo
Os troncos e as choupanas que, cedendo,
Curvam-se dos ventos á magestade.

Vem de cima, da aboboda, a torrente
Que medonha se despenha na devesa
Mostrando ao viajor infeliz, descrente,
As lutas gigantes da natureza.

E o pobre caminhante que vê o perigo
Cercar-lhe do porvir a visão querida,
Nem tem uma arvore que lhe dê abrigo,
Nem um abrigo que lhe guarde a vida!

Foge a noite e a aurora diamantina
Rebrilha dos campos a paisagem nua:
Aqui, crueis destroços da ruina
E no charco — um cadaver que fluctua!

29-4-83.

AVELINO LISBOA.

AO MEU AMIGO ALVARO D'ARNAUD

atiam seis horas no relogio da igreja das Neves, em Vizeu.

Estava eu a ouvir missa quando de repente fui obrigado a olhar para um lado, como se fosse movido por electricidade.

Ao correr com os olhos os fieis devotos, deparei com o rosto angelico da minha adorada.

Foi uma surpresa.

Ela estava toda constricta, com os olhos fitos na imagem do Christo.

Parecia uma Magdalena arrependida.

Assim que me vio, corou.

Apezar d'isto, já nos amavamos á muito.

Os fieis presentes não deram por nada, e havia-os bastantes, embora fosse inverno e o tempo não convidesse a sahir de casa.

Eu julgo que uma pessoa levantar-se ás 5 horas da manhã de sua cama quente, podendo gosar por mais tempo o calor delicioso dos grossos e felpudos cobertores, sómente para ir ao templo do Senhor, faz tão importante sacrificio que bastaria fazel-o uma vez ao anno para ganhar indulgencia para a sua alma e a de toda a sua familia, presente e ausente.

Ou então é muito peccador, que precisa purificar os peccados com uma dóse diaria de geada e alguma lufada de frigido nordeste pela cara.

Só assim.

Eu tambem ia á missa, mas não era porque fosse peccador, nem mesmo muito religioso — dous motivos obrigavam-me a comparecer áquelle acto solemne.

Um já o leitor deve ter comprehendido, o outro... (já eu devia estar santo por tanto sacrificio!)

Era acompanhar uma boa velha, minha avó, que era veterana da religião.

Ela ficava muito triste quando o templo não estava repleto, e então começava a contar-me que n'outro tempo, á missa das quatro, já ninguem se podia mover: «Eram tantos os devotos (ou peccadores) que tornava-se necessário madrugar muito para pilhar lugar.

— Hoje, continuava ella, até os padres não são os mesmos; tudo mudou, meu filho. Do tempo do Marquez de Pombal para cá, degenerou tudo quanto era portuguez. Depois, vieram as modas, as grandes invenções. Antigamente, quando um reverendo ia á Lisboa era porque a casa do Senhor corria grande perigo; hoje vae-se lá porque existem essas machinas infernaes que os judeus inventaram para dar cabo da religião. Ah! tempo do nosso rei Senhor D. João!... Então é que os judeus não punham cá o pé!»

E entre estas e muitas cousas, a boa da minha avó citava o nome do Marquez de Pombal como auctor de todas as desgraças religiosas.

Ela sabia da minha paixão por Luizinha e andava sempre a dizer-me:

— Cautela, menino!

Ao sahir da igreja eu pude dirigir á minha amada umas phrases que só ella ouvio.

D'esse dia em diante o Christo que ella contemplava na igreja... era eu.

Deus disse (segundo affirmam): «crescei e multiplicaes-vos».

Effectivamente, nós estávamos crescendo, isto é, eu e Luizinha; faltava sómente multiplicar, e para fazer esta regra de arithmeticá é necessário firmal-a na igreja, na presença de um professor habilitado para tal fim, isto é, um cura.

Emfim, resolvi pedir Luizinha a seu pae, cujo era um bravo militar e tinha sido um dos heróes que expulsaram o exercito frances do territorio portuguez. Fiz o meu pedido, que foi logo attendido, porque o bom do velho já sabia do meu *derrico*.

Era com bastante custo que elle deixava ir sua filha, porque esta era a sua unica consolação e a sua unica esperança, presentemente.

Esquecia-me de dizer que antes d'elle dar o — *sim* — pediu a filha, que depois de casada não o abandonasse.

Ella, a tudo que elle exigia dizia que sim, que nunca o abandonaria e que elle iria viver em casa d'ella e de seu marido.

Duas lagrimas que deslizaram pelo rosto do bravo militar, foi a sua affirmativa, e um beijo poz termo ao juramento.

Questões domesticas!

Como sois facilis de resolver!

Principalmente quando estas são entre um pae extremoso e uma filha adorada.

N'estas questões não é necessário intervirem nações, força armada, nem mesmo é preciso os diplomatas andarem a gastar as solas das botinas nos degraus dos palacios dos ministros.

Um beijo, nos casos acima, é uma especie de nota diplomática trocada entre o governo offensor e o offensido.

Algum tempo depois fui á igreja receber á Luizinha. O pae estava alegre.

Quem não compartilhou d'esta alegria foi a minha avó, que morreu, sendo victimá do seu fanatismo.

RECORDAÇÃO INFANTIL

Não fogem da mente lembranças d'outr'ora,
por mais adversa que a sorte nos seja !
Não fogem da vista lampejos da aurora,
que os dias da infancia tão doce bafeja !

Ai ! vida de rozas da idade infantil :
ai ! roxas manhãs do meu horizonte :
ai ! brandas lufadas da briza subtil
que geme nas altas giéstas do monte.

Ai ! terra, lá onde no valle e na fonte
o Sol dardava em jorros de luz.
Minha mãe me disse beijando-me a fronte,
— Adora meu filho, venera esta cruz !

Palavras tão doces dos labios maternos,
Carinhos tão puros, desvelos tão santos,
geraram-me n'alma instintos tão ternos,
que eu soffro da ausencia as maguas, os prantos !

Ai tempos, que em brícos, das ramas á sombra,
e as folhas cahindo na minha cabeça,
contente eu folgava, da relva na alfombra,
com uma menina, formosa e travessa.

E quaes borboletas que voam, que giram,
nas pet'las das resas, nos caules das flores,
ou como as rolinhas que á tarde suspiram,
assim nos folguedos sonhamos amores.

Paireou-me na mente, (qual corvo agoirento,)
a louca ambição de immensa riqueza !
Sonhei um futuro dourado, opulento,
e tarde senti do sonho a incerteza !

Bani-me da patria, deixei a creança,
que fez juramentos, em prantos banhada,
dizendo esperar-me, á fé de uma trança,
que sobre o meu peito conservo guardada !

Ah ! louco que eu era ! Fugio-me a illusão ;
e a flor da esperança bem cedo murchou !
Sumio-se a miragem fugaz d'ambição,
e o anjo da infancia esqueceu, perjurou !

Abri 2083.

ELEUTERIO AUGUSTO DE AGUIAR.

DEVANEIO

Vi-a no sonho ; estava mais bella do que nunca !
Seus cabellos, fios de ouro, fluctuavam-lhe, por
sobre os hombros, agitados brandamente pela
fresca aragem da tarde !

Ella olhou para mim e sorrio...

Aquelle sorriso transportou-me á uma região matizada de bellas côres, cheia de harmoniosos encantos e de amor !

Palavra sublime que nos eleva, e nos faz esquecer os soffrimentos da vida ; sentimento casto que nos purifica a alma ; doce e suave perfume, como o das flores banhadas pelo celestial orvalho da manhã.

E, ali, debaixo de frondosos arvoredos, eu estava indolentemente sentado a seu lado ; apertava-a ternamente contra o meu peito, e sentia o enbriagador perfume de sua virgindade !...

Oh ! como eramos felizes, estreitados assim um ao outro !... Ouviamos o sussurrar da brisa, o cantico mavioso dos passaros, e, dos mais pequeninos insectos, os soluços puros de amor !

• • • • •

Depois, tudo, tudo desappareceu. Eu tinha deixado de dormir !

Impellido pelo delirio da febre, levantei-me. Cheguei á janellinha do meu quarto e vi, radiante de alegria a aurora, ao longe, despontar !

Tive, então, remeniscencias do meu sonho, e verti uma lagrima de — saudade !

ARNALDO DANTAS.

Cópte — 1883.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida á secretaria do Centro Litterario, rua de S. Pedro 266, sobrado

Recebemos durante o mez os seguintes jornaes, a cujas redacções sinceramente agradecemos a remessa :

Brazil. — Cópte : — A «Revista Illustrada», o «Mequetrefe», «Revista do Retiro Litterario Portuguez», a «Cruzada», a «Gazeta Academica», 1º numero.

Província do Rio de Janeiro : — «Echo da Magdalena», «Vassourense», «Monitor Fidelense», «S. João da Barra», «Itatiaya», Rezendense, «Tymburibá», «Monitor Campista», «Fluminense», o «Artista», o «Arauto», e pela primeira vez os importantes jornaes — «Contemporaneo», e «Diario Popular», de Campos.

Província de S. Paulo : — «Rio Branco», «Tempo», Diario da Tarde» «Arauto de Lorena», «Gazeta da Franca», «Nortista», «Opinião Liberal», «Tribuna do Norte», o «Arado», a Situação», o «Bananab» e o «Parnazo».

Província de Minas Geraes — «Arauto de Minas», Echo do Povo», «Gazeta de Uberaba», e «Rio Branco».

Província do Espírito Santo : — O «Espírito Santense», a «Província do Espírito Santo» e o «Horizonte».

Província do Rio Grande do Sul : — O «Lábaro».

Província do Ceará : — O «Cearense».

Província das Alagoas : — O «Pandego» e o «Papagaio».

Província da Bahia : — O «Regenerador», o «Preceptor», o «Guarany» (de Cachoeira) e o «Cachoeirano».

Província do Pará : — O «Diário de Notícias».

Província de Sergipe : — O «Aspião», e o «Guarany».

Província do Maranhão : — A «Pacotilha».

Província de Pernambuco : — O «Ensaios».

Província de Santa Catharina : — A «Regeneração».

Por um engano nosso, ao declararmos no n.º 5 da Revista o recebimento do «Livro do Povo», dissemos que este jornal se publicava na província do Rio do Grande do Sul. Apressem-nos a remediar o mal declarando que o dito jornal viu a luz da publicidade em Pouso Alegre, província de Minas Geraes.

Portugal. — Pelos paquetes entrados nos têm vindo ás mãos as publicações seguintes :

O «Elvense», o «Districto de Beja», a «Sentinella da Fronteira», «Soberania do Povo», «Gazeta da Beira», o «Sub», o «Districto de Faro», «Aurora do Cavado» o «Sorvete» e a «União».

A's suas respectivas redacções não só agradecemos a obsequiosa remessa, como tambem as lisongeiras palavras que nos dispensaram.

Pelo Sr. Augusto de Pinho foi-nos offertado um drama, original seu, intitulado — *Augusto ou a Revolta da Dignidade contra a Riqueza*.

Agradecemos.

Typ. Hildebrandt, r. d'Ajuda n.º 31